

O CORPO DE BOMBEIROS E A POLÍCIA DE NOVA YORK NO 11 DE SETEMBRO DE 2001

*Carlos Eduardo Riberi Lobo**

Resumo

Abstract

Palavras-chave

Keywords

O ataque às torres gêmeas do World Trade Center (WTC), na cidade de Nova York (NY), em 11 de setembro de 2001, além de mudar a dimensão da questão do terrorismo no cenário internacional, trouxe a reboque a necessidade de adaptação dos serviços de defesa civil e segurança pública, em especial bombeiros e polícia, ante as novas ameaças do terrorismo internacional. A escala dos ataques, impensáveis até então, além de ter atingido o coração financeiro e simbólico do Império Americano, expôs o fim do mito da invulnerabilidade do território americano e reforçou a noção da fraqueza das *metrópoles globais* a esse tipo de ataque. Também ampliou a possibilidade de atuação das forças armadas no caso de ataques terroristas ou desastres de grandes proporções. Será analisada a atuação dos bombeiros e da polícia de Nova York em missões de resgate e salvamento durante o ataque às torres gêmeas do WTC e as lições dessa tragédia para bombeiros de outros países, com destaque para o Corpo de Bombeiros do Estado de São Paulo.

Durante o dia do ataque, foi possível acompanhar detalhadamente, pelas emissoras de televisão, a evolução dos acontecimentos. O ataque ocorrido pela manhã de 11 de setembro, com as imagens impressionantes do choque dos aviões comerciais com os prédios, parecendo realmente um filme, catástrofe estilo americano com a destruição de Nova York, tendo o final trágico completado pelo desmoronamento das torres gêmeas, como as cenas chocantes decorrentes dos incêndios e evacuação das torres. As cenas mais terríveis foram, possivelmente, as dos *saltadores*, vítimas dos incêndios em edifícios que, não tendo possibilidades de resgate e freqüentemente por desespero, saltam no espaço para morte certa para não morrerem queimados. No Brasil, ocorreram casos semelhantes durante o incêndio no Edifício Joelma em 1974, e as semelhanças das dificuldades encontradas no resgate das vítimas do Joelma e no WTC demonstraram como é difícil e perigosa para os bombeiros a missão de combate a incêndios e resgate de vítimas em edifícios.

Com o colapso das torres gêmeas ficou evidente que, além das milhares de vítimas (algumas estimativas iniciais vinculadas pela imprensa falavam em cerca de 10.000 pessoas) que ficaram presas nos andares superiores ou que, posteriormente, morreram no desabamento dos edifícios, haviam também centenas de bombeiros e um número desconhecido de policiais que tinham morrido na tragédia. Isso levou, posteriormente, à realização da Comissão Nacional sobre os Ataques Terroristas de 11 de setembro de 2001 aos Estados Unidos (National Commission on Terrorist Attacks Upon the United States), criada pelo presidente dos EUA e pelo Congresso Americano em 27 de novembro de 2002. A comissão estudou detalhadamente a atuação dos bombeiros e da polícia de NY e como essas duas instituições reagiram a um desastre daquelas proporções. Para entender a atuação dessas instituições, torna-se necessário entender a sua organização, assim como as diferenças e semelhanças em relação às instituições congêneres no Brasil.¹

A organização dos bombeiros e da polícia de Nova York

Os bombeiros de Nova York, diferentemente dos bombeiros no Brasil, que são em sua grande maioria militares e estaduais, são organizados localmente e mantidos pela cidade de Nova York, e se reportam ao prefeito da cidade, que, em última instância, é quem comanda os bombeiros. A polícia de Nova York também é organizada em nível municipal, sendo subordinada ao prefeito da cidade, exerce ao mesmo tempo as atividades de polícia administrativa e judiciária. Mesmo sendo as duas instituições uniformizadas, não são militarizadas, ainda que parte dos seus membros tenham anteriormente servido ou sejam reservistas das forças armadas americanas. As duas instituições não têm ligação com as Forças Armadas americanas, como as Polícias Militares e Corpos de Bombeiros Militares no Brasil, que são forças auxiliares e reserva do Exército Brasileiro. Em Nova York, subordinam-se ao poder local, à prefeitura da cidade. Isso é um reflexo da organização política e territorial dos EUA, onde, desde a Revolução Americana, o poder local sempre teve representatividade política e administrativa.²

Bombeiros: o Corpo de Bombeiros foi criado como serviço de bombeiros totalmente remunerado a partir de 1865, contando a partir de então com bombeiros profissionais que são funcionários da cidade de Nova York. Com a denominação de Departamento de Incêndio da Cidade de Nova York (Fire Department of New York-FDNY) tornou-se famoso; pelo seu tamanho, técnica, tecnologia e profissionalismo, servindo como referência para instituições similares em todo o mundo. Contando com 11.000 membros, cerca de 2.000 veículos, 4 barcos e lanchas de combate a incêndios e resgate, aproximadamente 250 postos de bombeiros, é organizado em nove regiões geográficas, atendendo toda a cidade de NY. Atua tanto em missões de combate a incêndios como em atividades de resgate e emergências médicas, produtos perigosos e tóxicos, incêndios florestais, etc. O FDNY, entretanto, depende dos helicópteros do Departamento de Polícia da cidade de Nova York (New York Police Department-NYPD) para efetuar apoio nos casos mais complexos, como remoção de vítimas, apoio a missões de resgate, busca e salvamento, etc. Os serviços com paramédicos das ambulâncias de resgate também são realizados pelo FDNY. Seus membros, após cursarem o curso de bombeiros, estão aptos para o serviço ativo.

Polícia: a Polícia foi criada em 1845, sendo também um serviço remunerado mantido pela cidade de Nova York. Com a denominação de Departamento de Polícia da Cidade de Nova York (*New York Police Department - NYPD*), é também famosa pelo seu tamanho, técnicas e sofisticação, como também, nos últimos anos, pelo programa de repressão ao crime denominado *tolerância zero*. Conta com 40.000 membros, espalhados pelos

distritos policiais na cidade. Será analisada mais especificamente a atuação da Unidade de Aviação (Aviation Unit), contando com 6 helicópteros, e a Unidade de Serviços de Emergência (Emergency Service Unit-ESU), subordinadas à Divisão de Operações Especiais (Special Operations Division) da NYPD. Essas unidades, frequentemente, atuam em missões de resgate, busca e salvamento, mergulho, resgate de reféns, etc.

A ESU seria um misto de SWAT com serviço de resgate, busca, salvamento e polícia de choque; é uma unidade que atende as especificidades da NYPD, cumprindo ao mesmo tempo missões de defesa civil e segurança pública. Possui dez equipes de linha de frente, com 10 caminhões de grande porte, que contam cada um com equipamentos avaliados em U\$ 750.000 dólares, preparados para missões de patrulhamento, resgate de reféns, roubo a bancos, auxílio a policiais baleados, busca e salvamento, mergulho, resgate, missões no gelo, controle de distúrbios, franco-atiradores, anti-bomba, contra terrorismo, etc. Além de dispor de robôs anti-bombas e um blindado sobre lagartas para operações mais complexas. Tem um efetivo de aproximadamente 400 policiais. Frequentemente, atua em conjunto com a unidade de Aviação da NYPD e com o FDNY.³

Polícia Portuária: o Departamento de Polícia da Autoridade Portuária de Nova York e New Jersey (Port Authority of New York and New Jersey Police Department-PAPD) cuida das instalações portuárias na região, constituídas num total de nove, incluindo também o WTC. Contando com 1.331 membros, que têm tanto treinamento de combate a incêndios como de procedimentos policiais.

O World Trade Center (WTC): o complexo WTC foi idealizado na década de 1960 e construído sob a tutela da Autoridade Portuária de Nova York e New Jersey (Port Authority of New York and New Jersey), para ser mais alto conjunto de edifícios do mundo, rivalizando com o clássico Empire State. O complexo era compreendido por sete prédios, incluindo-se as duas torres gêmeas, estas planejadas para serem as mais altas edificações do mundo. As duas torres, denominadas torre 1 ou torre norte (WTC 1) e torre 2 ou torre sul (WTC 2), tinham 110 andares e 1.350 pés de altura, cada um continha 99 elevadores. Foram construídas entre 1966 e 1970, utilizando a tecnologia mais avançada no período. Diariamente, trabalhavam nas duas torres cerca de 50.000 empregados e aproximadamente 40.000 pessoas passavam pelo complexo todos os dias.⁴

Antecedentes de terrorismo em NY, Tóquio e Paris na década de 1990

O ataque a metrópoles globais, aquelas que têm capacidade financeira, de serviços e uma rede de informações interligada no mundo, demonstra uma nova fase do terrorismo, já evidenciada na década de 1990. Os ataques ao WTC em 1993, realizado por terroristas islâmicos, o atentado ao metrô de Paris em 1995, o ataque com gases tóxicos ao metrô

de Tóquio em 1995 por uma seita religiosa, demonstraram a vulnerabilidade das grandes metrópoles. Cidades que, integradas à rede mundial da globalização, são alvos fáceis para os grupos terroristas, devido às suas facilidades logísticas e de transporte oferecidas.

No mundo globalizado, o deslocamento dos grupos terroristas torna-se cada vez mais ágil, devido às fronteiras estarem mais porosas e com a resposta lenta dos órgãos governamentais. A atividade terrorista internacional já vinha demonstrando sinais de recrudescimento no próprio território americano, como no caso do atentado à bomba em Oklahoma em 1995, por um grupo extremista americano. Governos do Japão e da França, depois dos atentados citados, reforçaram a atuação dos serviços de inteligência e a vigilância a possíveis ações terroristas, como ampliaram a estrutura da Defesa Civil e dos Bombeiros e equipes de resgate.⁵

Nos EUA, apesar do atentado com um carro bomba ao WTC em 1993, realizado por extremistas islâmicos, a resposta rápida do FDNY e da NYPD acabaram salvando muitas vidas e a ação eficiente da polícia acabou prendendo os suspeitos dos atentados. Isso gerou uma sensação de invulnerabilidade para cidade de NY com relação a ataques terroristas.⁶ O fracasso do atentado com o carro bomba, mantendo os edifícios em pé, demonstrou que o uso desse tipo de técnica terrorista não seria eficiente contra o WTC, era necessária uma atuação mais devastadora, o que, infelizmente, ocorreu posteriormente, em 2001.

A atuação dos bombeiros e das unidades especializadas da polícia de NY durante o dia 11/9/2001

Na manhã do 11 de setembro de 2001, o primeiro ataque às torres gêmeas foi prontamente atendido pelo FDNY que estava próximo ao local atendendo outra ocorrência, quando o avião atingiu a torre 1(norte) do WTC, essa cena repetida extensivamente nas TVs mostra o exato momento do impacto. Os bombeiros, a princípio, pensaram que era um desastre aeronáutico: se fosse somente isso já seria uma enorme tragédia. Porém, pouco tempo depois, com o segundo impacto na outra torre, ficou evidente que era uma ação de ataque planejada. Pouco tempo depois, foi atacada a torre 2(sul) do WTC, ambas alvejadas por aviões comerciais seqüestrados.

A cronologia dos ataques e do desabamento das torres foi a seguinte: impacto do avião seqüestrado da American Airlines na torre 1(norte) às 8:46 da manhã; impacto do avião seqüestrado da United Airlines na torre 2(sul) às 9:03 da manhã. A torre sul entrou em colapso e desabou às 9:59, a torre norte entrou também em colapso e desabou às 10:28.

Todos os quartéis mandaram veículos e bombeiros para o local dos ataques. Parte considerável do efetivo do FDNY foi enviado ao WTC, inclusive o Chefe dos Bombeiros. A dificuldade maior seria combater as chamas nos últimos andares dos edifícios, pois, com o impacto dos aviões, a sua estrutura ficou abalada. A combustão, praticamente instantânea, do combustível de aviação, destruiu os andares superiores. Para os bombeiros, ficou claro que as pessoas que estavam nos andares superiores, ou que estavam no topo das torres estavam condenadas. Mesmo os helicópteros da NYPD não conseguiam se aproximar devido à intensidade das chamas e da fumaça. Restava aos bombeiros evacuar as pessoas abaixo da zona do impacto.⁷

Porém, evacuar as pessoas que estavam no complexo WTC não seria uma tarefa fácil. Durante o atentado de 1993, a evacuação do prédio levou até 4 horas. Com o impacto dos aviões, a evacuação deveria ser feita pelas escadas, o que era uma função extremamente complexa, com edifícios de 110 andares e dezenas de elevadores que acabaram inutilizados. A atividade dos bombeiros seria a de resgate, já que com o incêndio daquela magnitude seria praticamente impossível apagá-lo, até porque, como se comprovou posteriormente, os equipamentos de combate a incêndio nas torres gêmeas estavam inoperantes após o choque das aeronaves.⁸

O fato positivo foi que, com o trabalho efetivo dos bombeiros e policiais da ESU, muitas vítimas foram salvas, e no momento do ataque estavam no complexo do WTC de 16 a 18 mil pessoas. Ocorreu uma evacuação mais eficiente do que durante o atentado de 1993, pois foram tomadas medidas visando um uso mais adequado das saídas de emergência. Causou estranheza que após o primeiro impacto não fossem dadas ordens para a evacuação da outra torre, fato que ocorreu somente após o impacto do segundo avião. Entretanto, a violência do ataque acabou levando ao colapso das torres, posteriormente, levando à morte mais de 2.152 pessoas que não eram bombeiros ou policiais, funcionários da segurança do WTC, voluntários e civis e pessoas a bordo dos aviões seqüestrados.⁹

O FDNY teve a maior baixa da sua história, com 343 mortos em um único dia. A PAPD teve 37 mortos, a maior perda na sua história e a NYPD, 23 mortos. Morreram nos ataques o Chefe de Departamento do FDNY, o Superintendente do PAPD e vários oficiais superiores dessas instituições. Milagrosamente, escaparam ao colapso da torre norte 12 bombeiros, um membro da PAPD e três civis, que estavam nas escadas de emergência.¹⁰

Falhas e dificuldades

Apesar da coragem e empenho dos bombeiros e policiais de NY, pouco poderia ser feito para salvar as pessoas nas torres, em especial aquelas que estavam acima do ponto do impacto das aeronaves. Não era possível chegar com os helicópteros no topo das torres,

como pôde ser feito durante o ataque de 1993. Foi possível ver as imagens desesperadoras na televisão de pessoas esperando o resgate aéreo, que nunca aconteceu. Os bombeiros relataram à Comissão, que, ao entrarem no edifício, devido à escala da tragédia, sabiam que poderiam vir a morrer, pela dimensão das construções e pela probabilidade, quase uma certeza, do colapso das torres devido ao incêndio e o poder destrutivo do impacto das aeronaves.

Os bombeiros destacaram também para a Comissão as falhas dos equipamentos de comunicação, o que impediu uma ação mais coordenada como o recebimento da ordem de evacuação das torres gêmeas. Os membros da ESU-NYPD conseguiram sair em maior número e tiveram menos vítimas que o FDNY, devido ao uso de um canal de rádio mais adequado para comunicação, como serem em um número menor que o total de bombeiros no local dos acidentes. Também foi lembrado que muitos bombeiros que estavam saindo do seu turno de serviço foram para o WTC, mas, como não estavam oficialmente de serviço, não tinham rádios em número suficiente. O serviço de resgate não foi realizado de modo coordenado, com uma ação entre os bombeiros e a polícia, pois sempre ocorreu a disputa entre as instituições em coordenar os trabalhos de resgate; por exemplo, o ESU sempre atende casos de resgate, assim como os bombeiros, essa dualidade de missões atrapalhou a ação de salvamento e resgate no WTC. O FDNY perdeu ainda 93 veículos e caminhões nos ataques.¹¹

A ligação entre o FDNY e o Corpo de Bombeiros do Estado de São Paulo-CBSP

A catástrofe que ocorreu no WTC levou vários corpos de bombeiros do mundo a se solidarizarem com a instituição irmã, o FDNY. O Corpo de Bombeiros de São Paulo-CBSP, que tem forte influência dos bombeiros americanos, principalmente com relação a equipamentos e técnicas, logo enviou condolências e homenageou os bombeiros mortos em serviço em NY.

Logo após o ataque de 11 de setembro de 2001, o FDNY enviou, para diversos corpos de bombeiros no mundo, “embaixadores” do FDNY, que tinham a função de agradecer a solidariedade prestada por outras instituições, como reforçar os laços entre os bombeiros de outros países com o FDNY. Nas palavras do Capitão Daly, “embaixador” do FDNY, que atuou no WTC em 11 de setembro de 2001, visitando posteriormente o Corpo de Bombeiros do Estado de São Paulo:

Para concluir quero dizer que foi um privilégio visitar o Corpo de Bombeiros do Estado de São Paulo. Fiquei impressionado como o conhecimento e a curiosidade dos oficiais que conheci quando da visita ao Coronel Camargo, no Comando. Os planos para maiores desenvolvimentos, com eventos como o SENABOM (Seminário Nacional de Bombeiros), são excelentes.¹²

O Capitão Daly ainda destacou as atividades realizadas pelos bombeiros paulistas no litoral, através de uma unidade semelhante àquela que ele serviu por um bom período no FDNY, a “Marine One” que utiliza navios e barcos de combate a incêndios e salvamentos: “Também fiquei impressionado com a qualidade dos oficiais e bombeiros que encontrei no 17º Grupamento de Bombeiros, em Guarujá, e como estão reduzindo os casos de afogamento marítimo”.¹³

O interessante é notar a relação de solidariedade entre as instituições de bombeiros, de NY e São Paulo, como o *caráter pedagógico* do contato entre bombeiros de duas metrópoles, destacando as semelhanças nas suas atividades, doutrina e equipamentos, buscando criar uma *irmandade internacional* de bombeiros, ainda que a organização seja diferente, aqui vinculada à Polícia Militar e estadual e em Nova York seja civil e municipal. As semelhanças entre as instituições também se dão pela utilização de equipamentos da mesma origem, como a aplicação de técnicas e tecnologias de origem americana no CBSP, como caminhões, equipamentos pessoais, navios de combate a incêndios, equipamentos de resgate e salvamento, etc.

A ligação do CBSP com os EUA é antiga, datando da década de 1930, quando da compra de veículos para combate a incêndios americanos. A ida de oficiais para a realização de intercâmbios com corpos de bombeiros americanos começou no final da década de 1940, aumentando consideravelmente a partir da década de 1980, quando foram implementados serviços de resgate, remoção aeromédica, produtos perigosos, etc., que são baseados em modelos americanos, como a edição de manuais para instrução de bombeiros inspirados nas diretrizes da NFPA (National Fire Protection Association) dos EUA.¹⁴

Considerações finais

O ataque ao WTC demonstrou, além de um novo patamar da política do terror, não reconhecendo país, cidade ou civis, que os serviços de segurança pública e defesa civil devem se adaptar para esse novo cenário. Os serviços de bombeiros em todo mundo, em especial nas grandes metrópoles, que são provavelmente o alvo preferencial dos terroristas nesse início do século XXI, são a linha de frente desse novo conflito urbano; seguidos de perto pelos serviços policiais, que freqüentemente também atuam em missões de salvamento e resgate, principalmente com a utilização de helicópteros.

Nos dias seguintes aos ataques, foi possível verificar a atuação das Forças Armadas Americanas nas missões de patrulhamento e, possivelmente, sua utilização na área de defesa civil, em especial em missões de salvamento, resgate ou contra ataques químicos. O precedente seria que com um ataque terrorista a segurança nacional americana estaria ameaçada, assim as Forças Armadas deveriam também atuar no *front* interno da guerra ao

terror. Haveria, a partir daí, uma militarização das funções de defesa civil, dos bombeiros e polícias nos EUA?

Não foi o que se viu até agora, apesar das portas estarem abertas. Em Israel, onde a questão do terrorismo está no dia-a-dia, a distinção entre defesa civil e meio militar é muito tênue, é só acompanhar os noticiários nos telejornais para ver as imagens dos militares israelenses atuando em missões de defesa civil após algum atentado. O precedente para a militarização já está dado, inclusive por um antigo aliado americano com conhecimento de causa.

Entretanto, em NY, não ocorreu a militarização do FDNY e do NYPD, até porque o modelo organizacional dessas instituições, pelo seu tamanho e complexidade, supera o tamanho de algumas forças armadas no mundo, reforçou-se o seu reequipamento, em especial dos bombeiros, como foram ampliadas as medidas de prevenção de ataques terroristas nos EUA. Todavia, a escala dos ataques demonstrou que mesmo numa das cidades mais ricas do mundo e com bombeiros e policiais bem equipados, pouco se pode fazer contra táticas terroristas suicidas e de extermínio em massa. O ataque ao metrô de Tóquio em 1995 e mesmo o ataque ao WTC em 1993 tinham dado sinais claros do terror do novo século. O mito da invulnerabilidade do território americano tinha caído, numa ação terrorista repleta de clichês cinematográficos de filme catástrofe. Os terroristas tinham seguido um *script* de filme de americano, esse, porém, sem final feliz, principalmente para os bombeiros, policiais e vítimas que estavam no WTC.

Notas

* Mestre em História Social pela PUC-SP e Doutorando em Ciências Sociais-Relações Internacionais pela PUC-SP.

¹ No doutorado, nosso tema de pesquisa é a relação do Corpo de Bombeiros do Estado de São Paulo com os bombeiros dos EUA e da Europa Ocidental dentro do contexto da globalização. Daí a importância do estudo dos bombeiros e polícia de Nova York, instituições com as quais o Corpo de Bombeiros do Estado de São Paulo e a Polícia Militar do Estado de São Paulo - da qual o Corpo de Bombeiros faz parte - têm uma antiga ligação. Os dados referentes à atuação do corpo de bombeiros e da polícia de Nova York foram obtidos com base em *The 9/11 Commission Report. Final Report of the National Commission on Terrorist Attacks upon the United States. Authorized Edition*. KEAN, Thomas H., Chair, HAMILTON, Lee H., Vice Chair (et alii). New York/London, W.W. Norton, 2004, em especial pp. 278-323. Com relação às possibilidades do terrorismo no início do século XXI, ver o artigo de RODRIGUEZ, Ernesto Milá. Como sera el terrorismo del siglo XXI. Las enseñanzas del atentado al suburbano de Tokio. *Defensa. Revista Internacional de Ejércitos Armamento y Tecnología. Año XVIII-numero 207/208*. Madrid, Defensa-Edefa, 1995, pp. 52-63. Sobre globalização e metrópoles globais ver IANNI, Octavio. *A Era do Globalismo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999, em especial pp. 51-73.

² Sobre a história dos bombeiros de Nova York, foram utilizadas as seguintes obras: *Fire Department of New York. The Bravest. 1865-2000*. New York, Fire Safety Education Fund/New York City Fire Department, 2000 e CALDERONE, John A. *A Guide to New York City Fire Apparatus*. New York, Fire Apparatus Journal Publications, 2002. Sobre a polícia de Nova York: KATZ, Samuel M. *NYPD. On the streets with the New York City Police Department's Emergency Service Unit*. Londres, Windrow & Greene, 1995 e "Helicopter Flexibility attracts police use". In: *Aviation Week & Space Technology, august 9, 1993*. Nova York, McGraw-Hill, 1993, pp. 42-45. Com relação a definição do papel das Polícias Militares e dos Corpos de Bombeiros Militares e seu vínculo com o Exército, ver o artigo 144, referente à segurança pública, da Constituição da República Federativa do Brasil, promulgada em 1988.

³ O termo SWAT é a denominação de unidades especiais da polícia americana especializadas em resgate de reféns, operações especiais, uso de franco atiradores, antibombas, etc. Em São Paulo, essas missões são realizadas pelo GATE, Grupo de Ações Táticas Especiais da Polícia Militar. O ESU da NYPD é uma unidade que, além dessas missões, realiza missões de resgate e captura de suspeitos de crime e terrorismo. Ver também nota anterior. Ver também, sobre os equipamentos e missões da ESU, KATZ, op. cit.

⁴ *The 9/11 Commission Report*, op. cit, pp. 278-279.

⁵ Sobre a atuação de serviços de emergência em atentados e catástrofes ver: EMMANUELLI, Xavier e EMMANUELLI, Julien. *Au secours de la vie. La médecine d'urgence. Découvertes Gallimard/281*. Paris: Gallimard, 1996. Esse trabalho também mostra a migração de técnicas militares de resgate e salvamento para a defesa civil, como o uso de helicópteros, a partir da Guerra da Argélia e dos Conflitos entre Israel e os países árabes nessas atividades.

⁶ KATZ, op. cit.

⁷ *The 9/11 Commission Report*, op. cit, pp 278-323.

⁸ *Ibid.*, pp. 278-323.

⁹ *Ibid*, p. 316.

¹⁰ *Ibid*, p. 311.

¹¹ CALDERONE, op. cit, pp. 94-95.

¹² "Entrevista: O Capitão Daly, do Corpo de Bombeiros de Nova York, em entrevista, quando em visita ao CB/SP, falou sobre sua Unidade AB53 e do fatídico 11 de setembro". In: *Bombeiros em Emergência*. São Paulo, Bombeiros em Emergências, 2002, pp. 5-7.

¹³ *Ibid*, p. 8.

¹⁴ Para mais detalhes da transformação recente do corpo de bombeiros de São Paulo, e a implementação de equipamentos e técnicas de origem americana, ver o número especial sobre a instituição na revista especializada tecnologia e defesa: *Tecnologia & Defesa-Especial*. Bombeiros de São Paulo. História e Modernidade. São Paulo, Tecnologia & Defesa, 1997.